

Comportamento Semanal de Mercado

4 a 11 de outubro



Ainda mais contracionista

Por causa da maior desconfiança na trajetória futura das contas públicas, houve na semana uma elevação considerável nos prêmios de risco embutidos na precificação dos ativos domésticos. O real exibiu o pior desempenho entre as principais divisas de mercados emergentes, depreciando-se em 2,84%, o Ibovespa voltou a operar abaixo dos 130 mil pontos e o risco soberano, medido pelo CDS de 5 anos, aumentou em 9,58 bps. para 155,22 bps..

No mercado de opções do Comitê de Política Monetária (Copom) da B3, a probabilidade de um aumento de 0,50 p.p. em novembro era de 73,0% em 11/10. Com a maior inclinação da curva de juros, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,20 p.p. na semana para 8,20% a.a., o maior patamar desde 19/12/23. Entrando, dessa forma, em patamar ainda mais contracionista, quando comparado com a taxa de 4,75% a.a. considerada como neutra pelo Banco Central (BC). No Boletim Focus, a mediana das projeções para a Selic aponta altas de 0,50 p.p. nos próximos 2 meses e de 0,25 p.p. em janeiro, levando a taxa ao ápice de 12,00% a.a.. A flexibilização monetária só seria retomada apenas em setembro, com um corte de -0,25 p.p..

Mesmo com a elevação das taxas de juros de mercado, ainda não se observa um movimento inequívoco de ancoragem das expectativas. No horizonte relevante para a política monetária, ou seja, 18 meses à frente, a expectativa no Focus diminuiu de 3,89% em 4/10 para 3,80% em 11/10. Sem grandes alterações nos números qualitativos, mas confirmando as esperadas pressões nos custos de alimentos e energia elétrica, o IPCA de setembro subiu 0,44%, avançando em um ritmo de 4,42% a.a., bem próximo do teto da meta.

Em agosto, a redução no volume de vendas no varejo e no setor de serviços apresentaram indícios de acomodação na atividade econômica, que deverão ser ratificados pelos efeitos da política monetária mais contracionista. Entretanto, o IBC-Br subiu 0,2% em agosto, deixando um carregamento estatístico de 0,59% para o 3T24, sugerindo uma expansão semelhante do PIB no período.

Com a economia dos EUA expandindo-se em ritmo sólido, a inflação tem exibido progressos graduais em direção à meta de 2,0%. O índice de preços ao consumidor (CPI) desacelerou de 2,5% a.a. em ago/24 para 2,4% a.a., enquanto o índice de preços ao produtor (PPI) passou de 1,9% a.a. para 1,8% a.a.. Assim, o mercado consolidou as suas apostas que o Federal Reserve (Fed) reduza o ritmo de corte de juros em novembro para -0,25 p.p..

Na semana que se adentra, as atenções se voltam para dados de atividade nos EUA, como varejo e produção industrial, que podem mostrar um cenário de consumo ainda aquecido, além da decisão sobre os juros na Europa, inflação ao consumidor e produção industrial. Com novas medidas de estímulo anunciadas, os números do PIB, indústria e varejo na China poderão dar a temperatura do cenário de desaceleração no 3T24. Por aqui, foco no Monitor do PIB e no IGP-10 de outubro.

Expectativas

Indicando elevações de 0,50 p.p. em novembro e em dezembro, as estimativas para a Selic no Boletim Focus permaneceram em 11,75% a.a. para o final de 2024 (11,25% a.a. há 4 semanas). Contemplando uma alta de 0,25 p.p. em janeiro, o indicador alcançaria o pico de 12,00% a.a.. A retomada do processo de flexibilização monetária só ocorreria em setembro, com uma queda de -0,25 p.p., seguida por uma redução de -0,50 p.p. em novembro e de -0,25 p.p. em dezembro. Em 11/10, a taxa encerraria 2025 em 11,00% a.a., ante 10,75% a.a. em 04/10 (10,50% a.a. há 4 semanas). Há mais de 4 semanas, as expectativas para 2026 e 2027 permanecem em 9,50% a.a. e 9,00% a.a., respectivamente.

Sem grande surpresa no IPCA em setembro e com a adoção da bandeira tarifária vermelha nível 2 nas contas de energia elétrica, a mediana das projeções no Boletim Focus para o IPCA de outubro avançou de 0,35% em 4/10 para 0,40% em 11/10. Por sua vez, as estimativas para novembro permaneceram em 0,20% e as para dezembro em 0,47%. Assim, a estimativa para 2024 elevou-se de 4,38% para 4,39% (4,35% há 4 semanas). Mesmo com a elevação das taxas de juros de mercado e no boletim, ainda não se observa um movimento inequívoco na ancoragem das expectativas. A projeção para 2025 reduziu-se de 3,97% para 3,96% (3,95% há 4 semanas) e para 2026 manteve-se em 3,60% (3,61% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, ou seja, 18 meses à frente, a expectativa no Focus diminuiu de 3,89% em 4/10 para 3,80% em 11/10.

Os prêmios de riscos na curva da inflação implícita, construída com base nas negociações das NTN-Bs, avançaram significativamente na semana, reagindo às especulações quanto à trajetória das contas públicas. Com isso, houve altas de 0,30 p.p. para 5,83% no indicador para o prazo de 1 ano, de 0,34 p.p. para 5,62% para o de 2 anos e de 0,36 p.p. para 5,65% para o de 3 anos.

As projeções para o crescimento do PIB ampliaram-se de 3,00% para 3,01% para 2024 (2,96% há 4 semanas). Para 2025, mantiveram-se em 1,93% (1,90% há 4 semanas), enquanto para 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,00%.

Não houve modificações significativas nas estimativas da taxa de câmbio, a cotação do dólar permaneceu na semana em R\$/US\$ 5,40 ao final de 2024 (R\$/US\$ 5,40 há 4 semanas) e oscilou de R\$/US\$ 5,39 para R\$/US\$ 5,40 para 2025 (R\$/US\$ 5,35 há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, continuaram em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas).

Apesar da piora nos prêmios de risco de mercado, as estimativas para o déficit primário pouco têm variado. No Focus, o déficit primário projetado para 2024 ficou em -0,60% do PIB (-0,60% há 4 semanas) e para 2025 em -0,73% do PIB (-0,75% há 4 semanas). Para 2026, as projeções variaram de -0,67% do PIB para -0,66% (-0,69% há 4 semanas), enquanto para 2027 conservaram-se em -0,30% do PIB (-0,45% há 4 semanas). Também em relação ao PIB, a dívida líquida do setor público para 2024 continuou em 63,50% (63,50 há 4 semanas) e para 2025 em 66,50% (66,10% há 4 semanas). Para 2026, reduziu-se de 69,27% do PIB para 69,14% (69,00% há 4 semanas) e para 2027 de 71,49% do PIB para 71,40% (71,40% há 4 semanas).

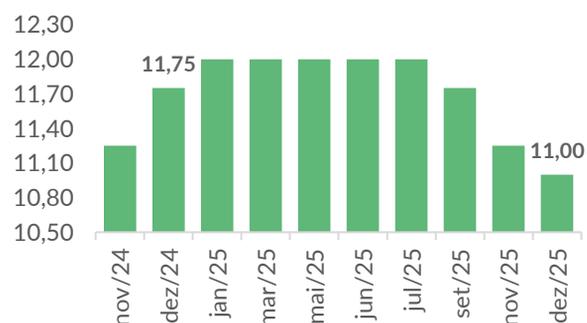
Inflação

Mediana das expectativas (% a.a.)

	IPCA - Mediana (agregado)		
	11/10/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
out/24	0,40	0,35	0,31
nov/24	0,20	0,20	0,22
dez/24	0,47	0,47	0,45
2024	4,39	4,38	4,35
2025	3,96	3,97	3,95
2026	3,60	3,60	3,61

Selic

Mediana das expectativas (% a.a.)



Economia Internacional

A semana foi marcada pela sinalização dúbia na evolução da atividade nos EUA. Mantendo a variação ocorrida em ago/24, mas vindo pior do que se esperava, o CPI subiu 0,2% na margem em setembro (+0,1% pela London Stock Exchange Group -LSEG). Entretanto, em termos anualizados, houve uma desaceleração de 2,5% a.a. para 2,4% a.a. (2,3% a.a. pela LSEG). Desconsiderando-se os preços de alimentos e energia, o CPI cresceu 0,3% em setembro, a mesma taxa de ago/24, com a medida de núcleo acelerando de 3,2% a.a. para 3,3% a.a.

Por sua vez, o PPI ficou estável em setembro (+0,1 pela LSEG), após crescer 0,2% em ago/24. Dessa forma, a taxa anualizada desacelerou de 1,9% a.a. para 1,8% a.a. (1,6% a.a. pela LSEG). O núcleo do PPI passou de 0,3% em ago/24 para 0,1% e de 3,3% a.a. para 3,2% a.a..

Com o possível impacto da passagem do furacão Helene, os pedidos semanais por seguro-desemprego aumentaram em 33 mil, para 258 mil, na semana finda em 5 de outubro (230 mil pelo consenso *The Wall Street Journal*). A média móvel de 4 semanas ficou em 231 mil pedidos, com um aumento de 6.750 em relação à média revisada da semana anterior.

Adicionalmente, o sentimento de confiança do consumidor, medido pela Universidade de Michigan, recuou de 70,1 pts. em set/24 para 68,9 pts. em outubro (70,2 pts. pela FactSet). Dentre os componentes, o indicador que mede a percepção sobre as condições atuais da economia caiu de 63,3 pts. para 62,7, enquanto o índice de expectativas reduziu de 74,4 pts. para 72,9. Por outro lado, a estimativa de inflação para 12 meses subiu de 2,7% a.a. para 2,9% a.a., ao passo que a esperada para 5 anos desacelerou de 3,1% a.a. para 3,0% a.a..

Já o crédito ao consumidor cresceu a uma taxa ajustada sazonalmente de 2,1% a.a. em agosto, para US\$ 8,9 bilhões (US\$ 12,0 bilhões pela FactSet). Em igual período, o crédito rotativo diminuiu em -1,2%, enquanto o crédito não rotativo aumentou em 3,3%. Ademais, o número de jul/24 foi revisado de US\$ 25,45 bilhões para US\$ 26,7 bilhões.

A Ata da reunião de política monetária do Fed assinalou que o corte de -0,50 p.p. na taxa básica de juros estaria alinhado com a convergência sustentável da inflação à meta e o esfriamento gradual do mercado de trabalho. Com os membros confiantes no que tange ao nível de atividade econômica, o documento apresentou um cenário dividido sobre o ritmo de afrouxamento monetário a ser trilhado. Vários participantes observaram que uma redução de -0,25 p.p., também estaria em linha com um caminho gradual de normalização da política, o que permitiria aos formuladores tempo para avaliar o grau de restrição da política à medida que a economia evoluísse. Reforçou, ainda, que o balanço de riscos para o cumprimento das metas estariam aproximadamente equilibrados. Se os indicadores continuarem confirmando o que se espera, seria adequada a adoção de uma política monetária mais neutra ao longo do tempo.

Apesar de que o governo chinês tenha anunciado a adoção de medidas anticíclicas, com expansão dos gastos para estimular a atividade, houve frustração nos agentes de mercado com a não sinalização de uma injeção significativa. Por outro lado, evidenciou-se o entendimento do governo da necessidade de uma intervenção substancial para impedir a desaceleração da atividade e os riscos de um processo deflacionário. Entretanto, não haveria um único conjunto de medidas, mas sim uma série de ações graduais nesta direção. As diretrizes que foram estipuladas, complementaram as medidas do Banco Popular da China (PBoC) que reduziram a taxa de juros básica e o custo das hipotecas. O PBoC prometeu, ainda, subsídios para impulsionar o mercado acionário, abalado pelos efeitos da crise imobiliária.

Após a estabilidade na margem em jul/24, as vendas no varejo na Zona do Euro cresceram 0,2% na margem em agosto. No período, houve altas de 1,1% nos combustíveis automotivos, de 0,2% nas vendas de alimentos, bebidas e fumo e de 0,3% nos produtos não alimentícios (exceto combustível automóvel).

Aversão ao Risco

Refletindo a evolução dos números relativos à atividade, à gradual convergência da inflação à meta e ao conteúdo da reunião de política monetária que reduziu os *Fed Funds* em -0,50 p.p., o mercado consolidou as suas apostas em uma redução no ritmo de corte em novembro. Assim, a ferramenta FedWatch do CME Group apontava, em 11/10, uma probabilidade de 89,5% de um corte de -0,25 p.p. (84,4% em 07/10) e de 10,5% de -0,50 p.p. (15,6% em 07/10).

Paralelamente, houve avanço na semana nos retornos das *T-Notes*, com altas de 0,02 p.p. para 3,95% a.a. no de 2 anos, de 0,07 p.p. para 3,88% a.a. no de 5, de 0,10 p.p. para 4,08% a.a. no de 10 e de 0,13 p.p. para 4,39% a.a. no de 30 anos.

Apoiadas pelos bons resultados corporativos divulgados e pelo sentimento positivo com o comportamento da atividade econômica, as bolsas norte-americanas registram ganhos na semana, com altas de: 1,21% no Dow Jones; 1,13% na Nasdaq; e 1,11% no S&P 500. O DAX 40 elevou-se em 1,32% e o FTSE 100 apresentou queda de -0,33%. Na China, com o ceticismo quanto à eficácia das medidas de estímulos à economia, o índice Xangai recuou -3,56% no período. Por sua vez, o Nikkei 225 subiu 2,51% na semana.

Os temores com os reflexos da desaceleração na China na demanda global têm refletido também no comportamento das *commodities*. Na semana, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -3,11% e o do minério de ferro negociado em Qingdao recuou -4,26%. Por sua vez, impactado pelas tensões no Oriente Médio, com o risco de escalada do conflito, a cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 1,27%, para US\$ 79,04.

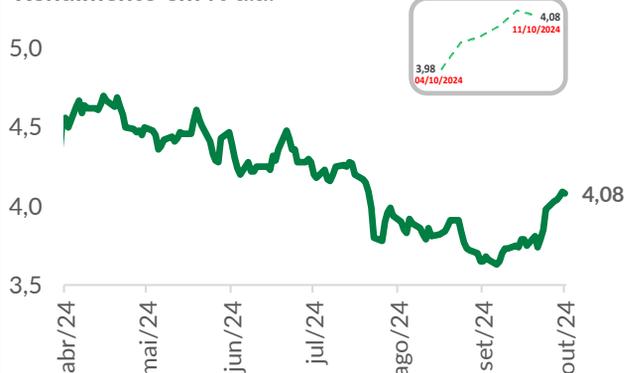
No cenário interno, a desconfiança com a evolução fiscal segue pesando nos ativos domésticos, elevando os prêmios de risco. Na semana, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, subiu 9,58 bps para 155,22 bps.. Por sua vez, o Ibovespa recuou -1,37% no período, voltando ao patamar dos 129 mil pts..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	11/10/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	129.992	-1,37%	-3,48%	11,06%
Nasdaq	18.343	1,13%	5,45%	35,13%
S&P	5.815	1,11%	4,70%	33,69%
Dow Jones	42.864	1,21%	4,90%	27,45%
FTSE 100	8.254	-0,33%	0,73%	7,96%
DAX 40	19.374	1,32%	5,69%	25,60%
Nikkei 225	39.606	2,51%	11,19%	21,88%
Xangai	3.218	-3,56%	18,22%	3,53%

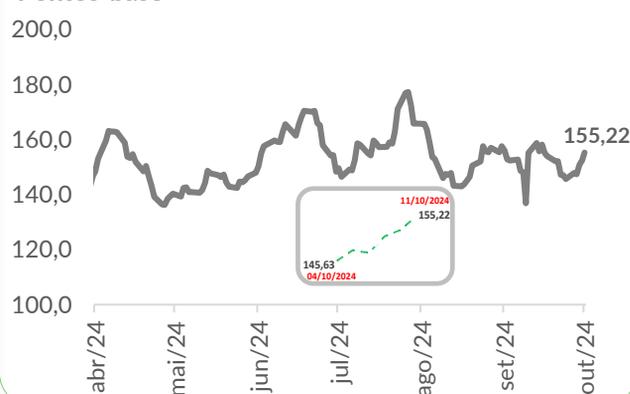
T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Credit Default Swap (CDS)

Pontos-base



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

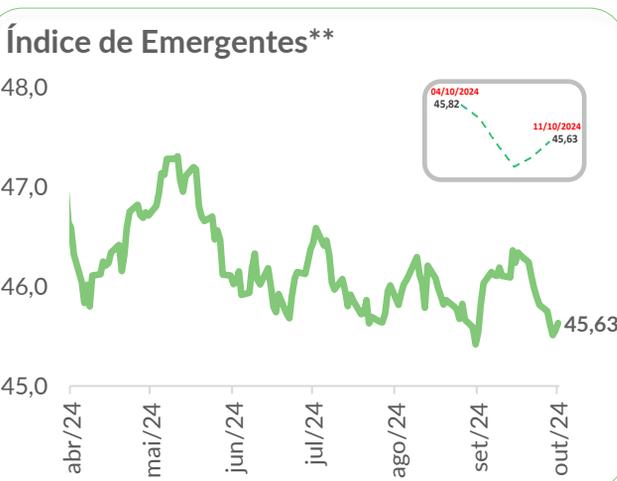
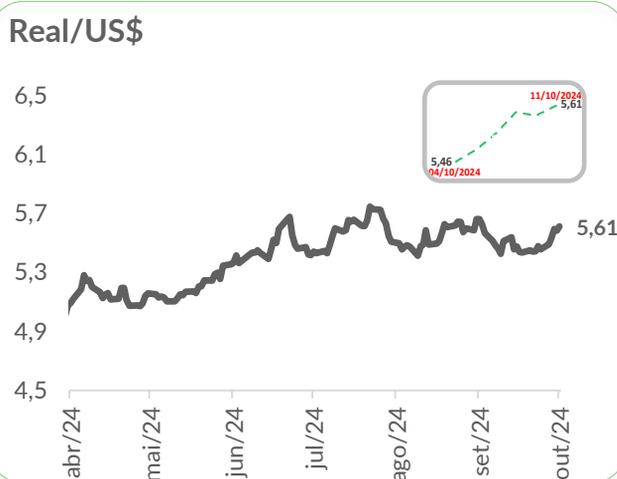
Em consonância com o aumento no retorno das *T-Notes*, o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às moedas de 6 países desenvolvidos, subiu 0,36% na semana, refletindo as depreciações de 0,42% na libra esterlina, de 0,34% no euro e de 0,29% no iene japonês.

No mesmo período, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou - 0,40%, com destaques para as depreciações de 0,98% no peso colombiano, de 0,36% no peso argentino e de 0,12% na rúpia indiana, além das apreciações de 0,38% no rand sul-africano e de 0,02% no peso mexicano.

Com um desempenho bem inferior à média de seus pares emergentes, o real se depreciou em 2,84% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,61. Com isso, a moeda brasileira acumulou uma depreciação de 15,6% no ano.

A partir de 11/10, o BC deu início à rolagem dos contratos de *swap* cambial com vencimento em 02/12/24, no montante de US\$ 15,5 bilhões.

Por fim, o fluxo cambial na semana encerrada no dia 4/10 ficou negativo em US\$ -278 milhões, decorrente da entrada líquida de US\$ 2,05 bilhões na conta comercial e da saída líquida de US\$ -2,33 bilhões na conta financeira.



Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Taxa de Juros

Com aumento nos prêmios de risco, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) encerrou a semana com fortes elevações em todos os vértices.

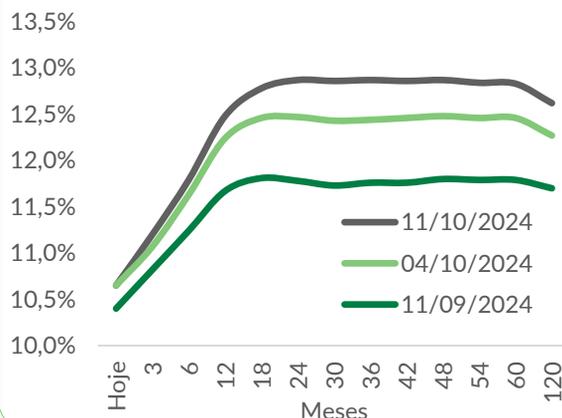
O mercado de opções do Copom na B3 indicava, em 11/10, uma probabilidade de 73,0% para uma alta de 0,50 p.p. na reunião de novembro e de 59,4% para outra elevação de mesma magnitude em dezembro. Contudo, cresceram as chances de uma elevação maior, com a opção de alta de 0,75 p.p. saindo de 9,5% no dia 4/10 para 14,1% para a reunião de novembro e de 18,1% para 24,0% para dezembro.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 3 meses subiu de 11,07% a.a. para 11,20%, a de 6 meses de 11,63% a.a. para 11,79%, a de 1 ano de 12,24% a.a. para 12,48% a.a., a de 2 anos de 12,47% a.a. para 12,87% a.a., a de 3 de 12,44% a.a. para 12,87% a.a., a de 4 de 12,48% a.a. para 12,87%, a de 5 de 12,46% a.a. para 12,83% a.a. e a de 10 anos avançou de 12,27% a.a. para 12,62% a.a..

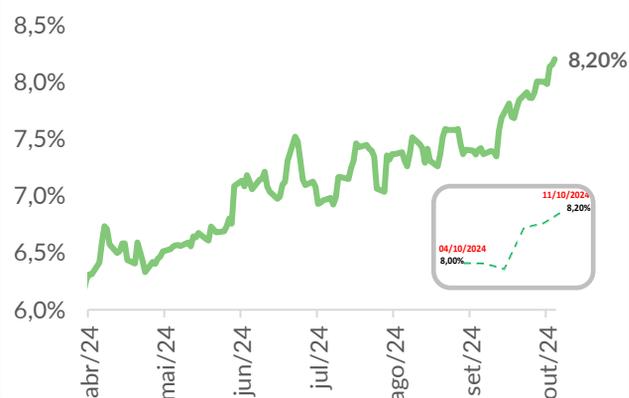
Com a forte elevação na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias e o aumento na inflação esperada para os próximos 12 meses de 0,03 p.p. para 3,96%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,20 p.p. na semana para 8,20% a.a., o maior patamar desde 19/12/23 (8,23% a.a.). Entrando, dessa forma, em patamar ainda mais contracionista, quando comparado com a taxa de 4,75% a.a., considerada como neutra pelo BC.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, aumentou 0,11 p.p. na semana para 0,14 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, subiu 0,07 p.p. para 0,10 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

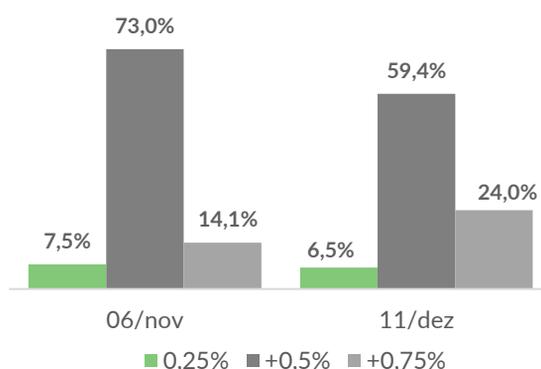


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Probabilidade Copom

Mercado de opções B3 (11/10/24)



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Set/24

Após uma deflação de -0,02% em ago/24, o IPCA avançou 0,44% em setembro (0,47% pelo Boletim Focus), graças à significativa elevação dos custos com alimentação e energia elétrica. Desta forma, o índice acumulou uma alta de 3,31% no ano, com a taxa anualizada acelerando de 4,24% a.a. em ago/24 para 4,42% a.a. (5,19% a.a. em set/23).

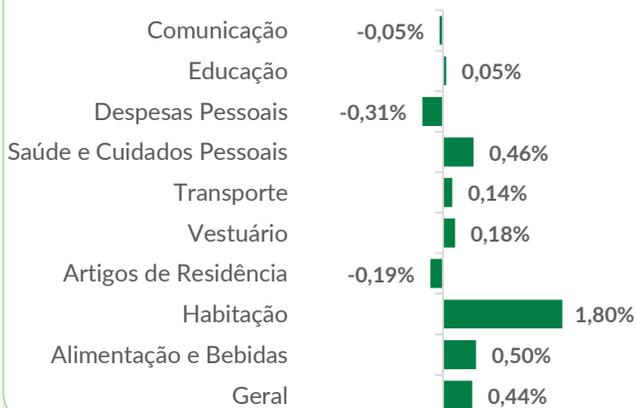
Dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados, somente 3 registraram deflação em setembro. O item Despesas Pessoais passou de uma alta de 0,25% em ago/24 para uma deflação de -0,31% (-0,03 p.p. na variação mensal do IPCA). Já Artigos de residência saiu de uma elevação de 0,74% em ago/24 para uma queda de -0,19% (-0,01 p.p.). Por fim, o grupo Comunicação variou na margem de um aumento de 0,10% para uma diminuição de -0,05% (0,00 p.p.).

Impactado pela vigência da bandeira tarifa vermelha patamar 1 nas contas de energia elétrica, o grupo Habitação saiu de uma baixa de -0,51% em ago/204 para uma alta de 1,80% (+0,27 p.p.). Com a deterioração nas condições climáticas, a rubrica Alimentação e Bebidas saiu de um recuo de -0,44% em ago/24 para uma alta de 0,50% (+0,11 p.p.). A variação nos preços na alimentação no domicílio passou de -0,73% em ago/24 para 0,56%, com destaque para os aumentos em carnes (2,97%) e em algumas frutas como laranja (10,02%), limão (30,41%) e mamão (10,34%). Já a alimentação fora do domicílio saiu de 0,33% em ago/24 para 0,34%.

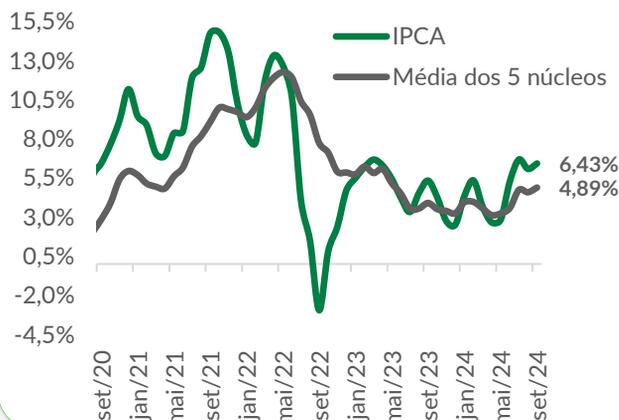
Com a perspectiva negativa com o impacto da deterioração das condições climáticas nos preços dos alimentos ajudando a deslocar o balanço de riscos para o campo positivo, ficou difícil a avaliação dos indicadores qualitativos do IPCA. De acordo com a MCM Consultores Associados, a média móvel trimestral (MM3) do IPCA, anualizada e dessazonalizada, saiu de 6,08% a.a. em ago/24 para 6,43% a.a. em setembro. Já a da média dos 5 núcleos monitorados pelo BC acelerou de 4,59% a.a. para 4,89% a.a.. Dentre as medidas subjacentes, a de serviços, objeto de preocupação, cedeu de 5,38% a.a. em ago/24 para 4,72% a.a.. Com a taxa de câmbio mais depreciada, os bens industriais partiram de 2,54% a.a. para 2,90% a.a.. Já a alimentação no domicílio saltou de 6,60% a.a. em ago/24 para 9,37% a.a..

Reiterando o desafio para a convergência da inflação à meta de 3%, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC elevou-se de 3,80% a.a. para 3,81% a.a., a inflação dos preços livres de 3,77% a.a. para 4,05% a.a. e a dos serviços reduziu-se de 5,18% a.a. para 4,81% a.a.. Ainda em termos anualizados, as variações nas medidas subjacentes foram de: 3,26% a.a. para 4,30% a.a. na alimentação no domicílio; de 5,06% a.a. para 4,73% a.a. nos serviços; e de 1,06% a.a. para 1,43% a.a. nos bens industriais.

Varição Mensal Abertura por grupos



MM3M - Variação Anual Com ajuste sazonal



Fonte: IBGE Elaboração ABBC

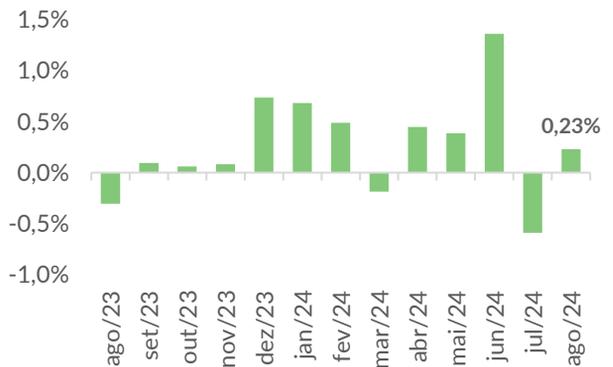
IBC-Br - Ago/24

Em agosto, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) registrou uma elevação de 0,23% na margem, na série com ajuste sazonal (+0,10% pelo Valor Data). Ademais, o resultado de ju/24 foi revisado de uma queda de -0,41% para uma de -0,59% e o de mai/24 passou de 0,36% para 0,39%. O bom desempenho no mês veio a despeito das retrações mensais nas vendas do varejo (-0,34% no restrito e -0,75% no ampliado) e no volume de serviços (-0,41%).

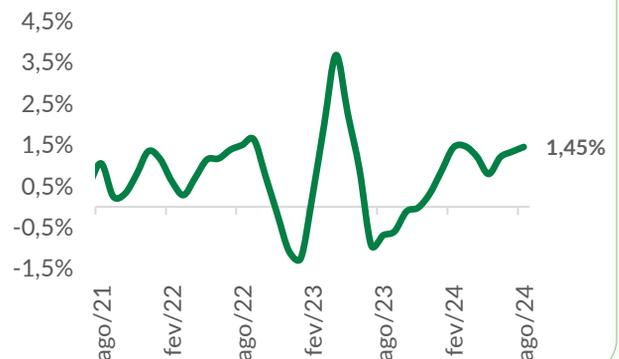
Confirmando o bom momento da atividade econômica, a variação trimestral na série dessazonalizada acelerou o seu ritmo de crescimento, saindo de 1,34% em jul/24 para 1,45% (-0,69% em ago/23). Com isso, apontou um carregamento estatístico de 0,59% para o 3T24 e de 2,89% para o ano de 2024.

Considerando-se a evolução anual do indicador acumulado em 12 meses, o indicador mostrou uma elevação de 2,49% a.a. ante 2,35% em jul/24 (2,85% em ago/23). No acumulado do ano, o IBC-Br acumulou um crescimento de 2,91% frente ao mesmo período do ano anterior.

Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Índice acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Ago/24

O setor de serviços perdeu força em agosto. Após uma alta mensal revisada de 1,15% para 0,25% em jul/24, o volume dos serviços recuou -0,41% em agosto, na série livre de influências sazonais (+ 0,20% pela LSEG).

A redução mensal foi observada em 3 das 5 atividades investigadas: -1,02% em informações e comunicações (2,14% em jul/24); -0,44% em transportes (-1,52% em jul/24); e de -0,03% em serviços profissionais (-0,48% em jul/24). Em contrapartida, houve crescimento de: 0,83% em serviços prestados às famílias (0,09% em jul/24); e de 1,42% em outros serviços (0,26% em jul/24).

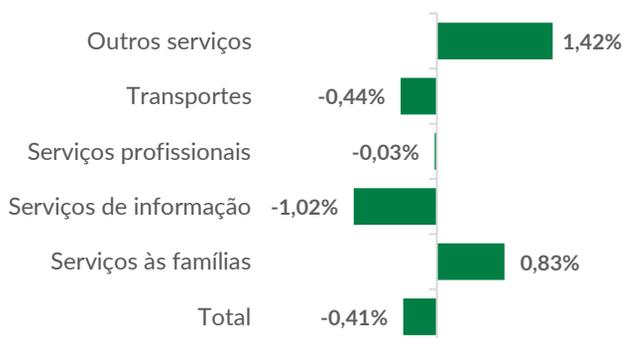
Considerando-se o acumulado em 12 meses, a alta reduziu-se levemente de 1,92% a.a. em jul/24 para 1,91% a.a. em agosto (5,43% a.a. em ago/23). Com o indicador encontrando-se 14,97% acima do patamar pré-pandemia (fev/20), há um carregamento estatístico de 0,78% para o 3T24 e de 2,43% para o ano de 2024.

Por fim, a variação anual do acumulado em 12 meses em agosto eram de: 4,59% a.a. em serviços prestados às famílias (7,25% a.a. em ago/23); 4,21% a.a. em informação e comunicação (4,69% a.a. em ago/23); 7,35% a.a. em profissionais, administrativos e complementares (6,00% a.a. em ago/23); -2,68% a.a. em transportes (6,57% a.a. em ago/23); e -0,29% a.a. em outros serviços (1,12% a.a. em ago/23).

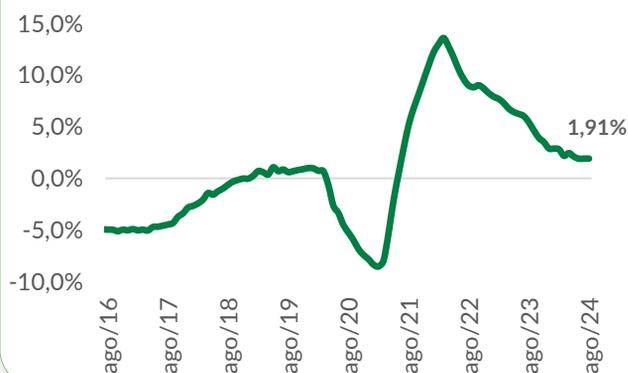
Varição Mensal Com ajuste sazonal



Varição Mensal Por segmento – série com ajuste sazonal



Evolução Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio - Ago/24

Após uma alta de 0,56% em jul/24, as vendas no varejo restrito recuaram -0,34% na margem em agosto, na série livre de influências sazonais (-0,50% pela Reuters).

A queda do indicador foi observada em 7 dos 8 grupos avaliados com variações na margem de: 1,23% para -3,92% para Outros artigos de uso pessoal e doméstico; -0,09% para -2,62% para Livros, jornais, revistas e papelaria; de 2,18% para -2,04% para Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação; de 1,29% para -1,62% para Móveis e eletrodomésticos; de 2,05% para -0,44% para Tecidos, vestuário e calçados; de -1,19% para -0,18% para Combustíveis e lubrificantes; e de 1,96% para -0,14% para Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. Apenas o grupo de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria apresentou crescimento, saindo de -1,44% para 1,32%.

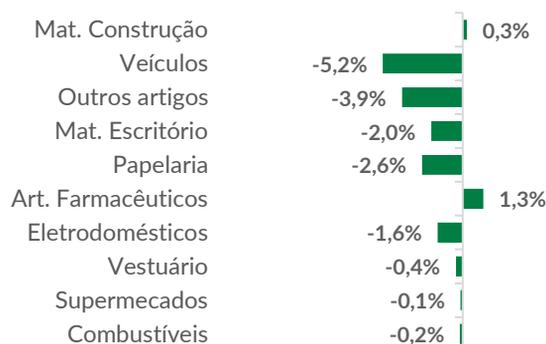
Ainda na série dessazonalizada, o comércio varejista ampliado, que inclui veículos e motos e material de construção, saiu de uma leva alta de 0,02% em jul/24 para um recuo de -0,75% em agosto. Na abertura, a variação foi de: 3,75% para -5,15% para veículos e motos, partes e peças e de -0,15% para 0,26% para material de construção.

Por fim, analisando-se a variação do acumulado em 12 meses, a alta no varejo restrito acelerou de 3,76% a.a. em jul/24 para 3,97% a.a. em agosto (1,72% a.a. em ago/23). Já o avanço no varejo ampliado reduziu de 3,77% a.a. para 3,73% a.a. (1,39% a.a. em ago/23). O carregamento estatístico é de apenas 0,03% para o 3T24 e de 4,20% para 2024 no comércio varejista restrito e de -0,04% para o 3T24 e de 3,42% para 2024 no ampliado.

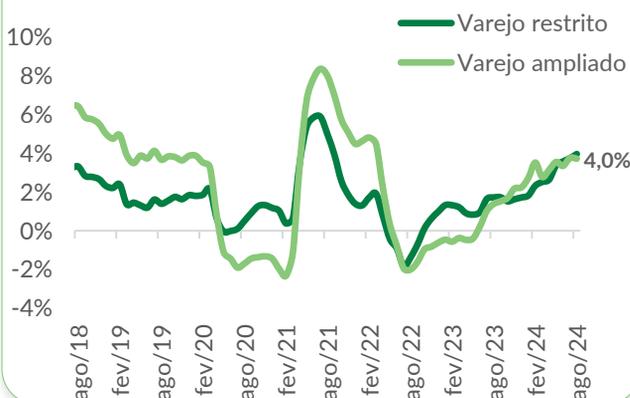
Varição Mensal Com ajuste sazonal



Varição Mensal Por segmento - série com ajuste sazonal



Evolução Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Veículos - Set/24

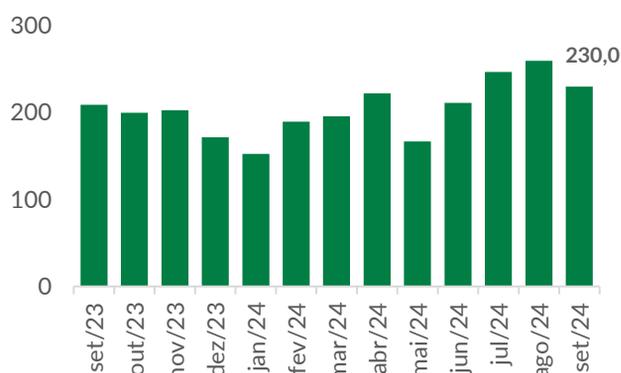
De acordo com a Anfavea, foram produzidas 229,99 mil unidades de autoveículos em setembro, recuou -11,41% na margem, ante um acréscimo de 5,23% em ago/24.

Deste total, 69,11 mil unidades foram de automóveis, 45,50 mil de comerciais leves, 2,18 mil de ônibus e 13,21 mil de caminhões. Considerando-se a variação anual do acumulado em 12 meses, houve uma aceleração da alta de 2,71% a.a. em ago/24 para 3,55% a.a. em setembro (0,52% a.a. em set/23).

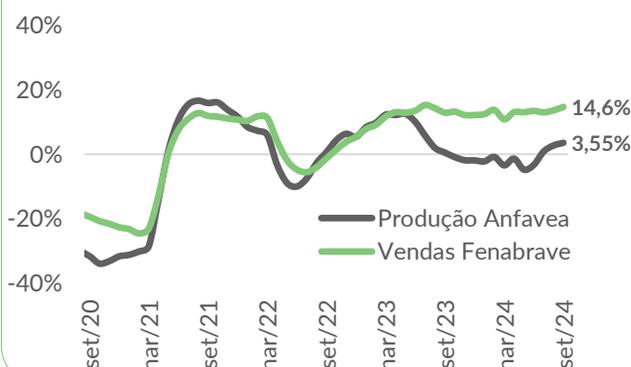
No mês, foram exportadas 41,63 mil unidades de autoveículos, sendo 31,84 mil automóveis, 7,71 mil comerciais leves, 365 ônibus e 1,71 mil caminhões. Com isso, a variação anual do acumulado em 12 meses das exportações passou de -20,47% a.a. em ago/24 para -17,04% a.a. em setembro. Assim, a participação das exportações acumuladas em 12 meses, em relação ao total produzido, aumentou de 14,46% para 14,92% em set/24 (18,62% em set/23)

A Fenabrave reportou uma queda mensal de -2,14% nas vendas em setembro, totalizando 400,20 mil unidades de autoveículos. Deste total, 171,66 mil eram automóveis, 51,03 mil comerciais leves, 11,22 mil caminhões, 2,45 mil ônibus, 156,61 mil motocicletas e 7,24 mil implementos rodoviários. No acumulado em 12 meses, houve uma aceleração no avanço de 13,57% a.a. em ago/24 para 14,65% a.a. em setembro (12,87% a.a. em set/23).

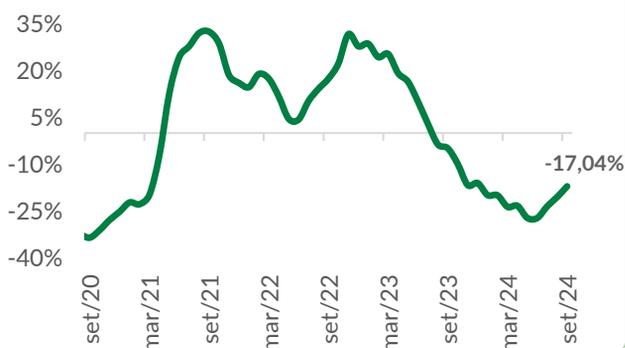
Produção Mensal Em mil unidades



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Evolução Anual Exportações acumuladas em 12 meses



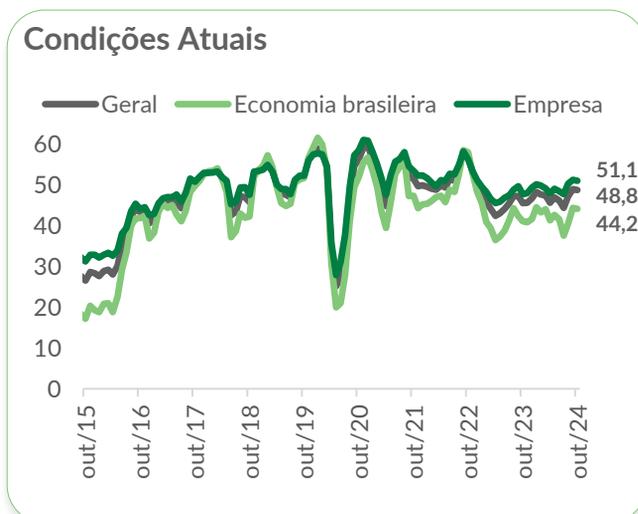
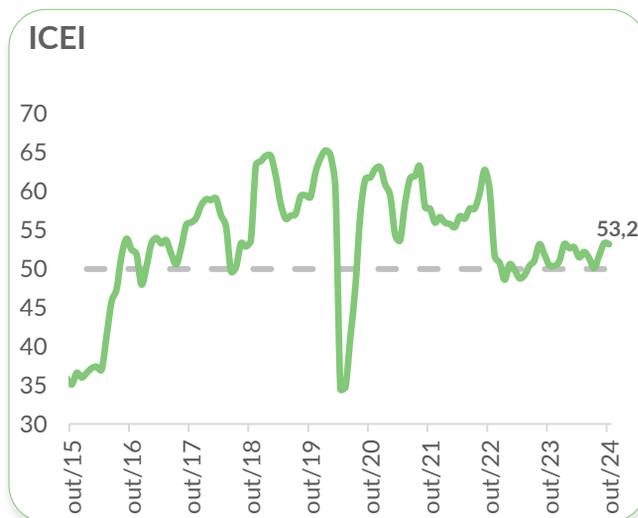
Fonte: Anfavea/Fenabrave.. Elaboração ABBC

ICEI - Out/24

Após 2 meses consecutivos de alta, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) permaneceu quase estável em outubro, variando de 53,3 pts. em set/24 para 53,2 pts.. Contudo, permanecendo ainda significativamente acima da linha divisória, de 50 pts., que representa um nível de confiança positivo.

Entre seus componentes, as Condições Atuais (CA) recuou -0,2 pt., para 48,8 pts.. O movimento foi impulsionado pela queda de igual proporção na avaliação sobre a Economia Brasileira (44,4 pts. em set/24 para 44,2 pts.) e na quanto à Empresa (51,3 pts. para 51,1 pts.)

Por sua vez, o componente de Expectativa para o futuro mostrou estabilidade no mês, permanecendo em 55,4 pts.. Em relação à Economia Brasileira, houve leve avanço de 0,1 pt., para 49,2 pts.. Já para a Empresa, manteve constante na margem em outubro, em 58,5 pts..



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	3,2
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	11,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,40
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,6
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688